

Lula: "Não vou ser refém dos outros"

O candidato do PT à Presidência já se decidiu: só disputa eleição se Vladimir Palmeira não concorrer ao governo do Rio

Gerson Camarotti
Da equipe do **Correio**

O presidente de honra do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, era ontem um homem aliviado. Sorria a toda hora, brincava com os companheiros do PT, na sede do partido, em São Paulo. Em conversas telefônicas com os deputados mais próximos, ele também mostrou o mesmo comportamento. Contava histórias para relaxar o interlocutor do outro lado da linha. Enquanto todo o PT respirava ansiedade com o destino do partido, os ares de Lula eram outros: a serenidade.

O motivo de tanta calma era um só. Lula já tomou uma decisão em relação a sua candidatura: só irá para a campanha se Vladimir Palmeira recuar e não sair candidato ao governo do Rio. Essa virou uma questão de honra para Lula. A decisão do Rio acabou assumindo um simbolismo sem precedente na história do PT e dele próprio. "Quem pagar para ver vai quebrar a cara", avisou Lula para um amigo.

A questão da candidatura de Brizola passou para o segundo plano nas preocupações de Lula. O que está em jogo nesse momento é a sua liderança. "Não vou ser refém dos outros. Para fazer a política dos outros, não sairei candidato. Como posso sair candidato à Presidência do Brasil, querer comandar esse país se não consigo ter liderança nem no meu próprio partido? Preciso estar à vontade para dizer ao país que pode confiar em mim, porque eu lidero uma frente de partidos onde consigo impor as minhas idéias. Sem essa condição não serei candidato", desabafou Lula por telefone, com um segundo interlocutor.

A maior liderança do Partido dos Trabalhadores foi além. Lembrou que para ser candidato precisa assumir uma posição de comando, definir quem sobe no seu palanque, qual a aliança necessária para fazer uma campanha com chances de vitória. "Se os meus companheiros não confiam em mim, é melhor eu não ser candidato", acrescentou Lula colocando um ponto final na conversa.

No partido, há um consenso: a candidatura de Lula. "Se não for

candidato ele cria um constrangimento sem dimensões ao partido que ele ajudou a criar", pressiona o deputado Jaques Wagner (PT-BA). Mas uma coisa já está certa da cabeça de Lula. Não dá para sair candidato simplesmente porque todo o partido quer. Sobre suas costas, pesa o fato de já sair com 20 milhões de votos em qualquer circunstância. Mas não é isso que decidirá a sua candidatura. Para sair às ruas, ele precisa ter chances reais de vitória.

"Antes de eu ser candidato, o José Dirceu me disse que eu precisava sair, nem que fosse para marcar posição. Isso não farei porque já marquei posição mostrando que tenho quase 25% dos votos do país. Só quero concorrer se for para ganhar", disse Lula, dessa vez para uma liderança socialista.

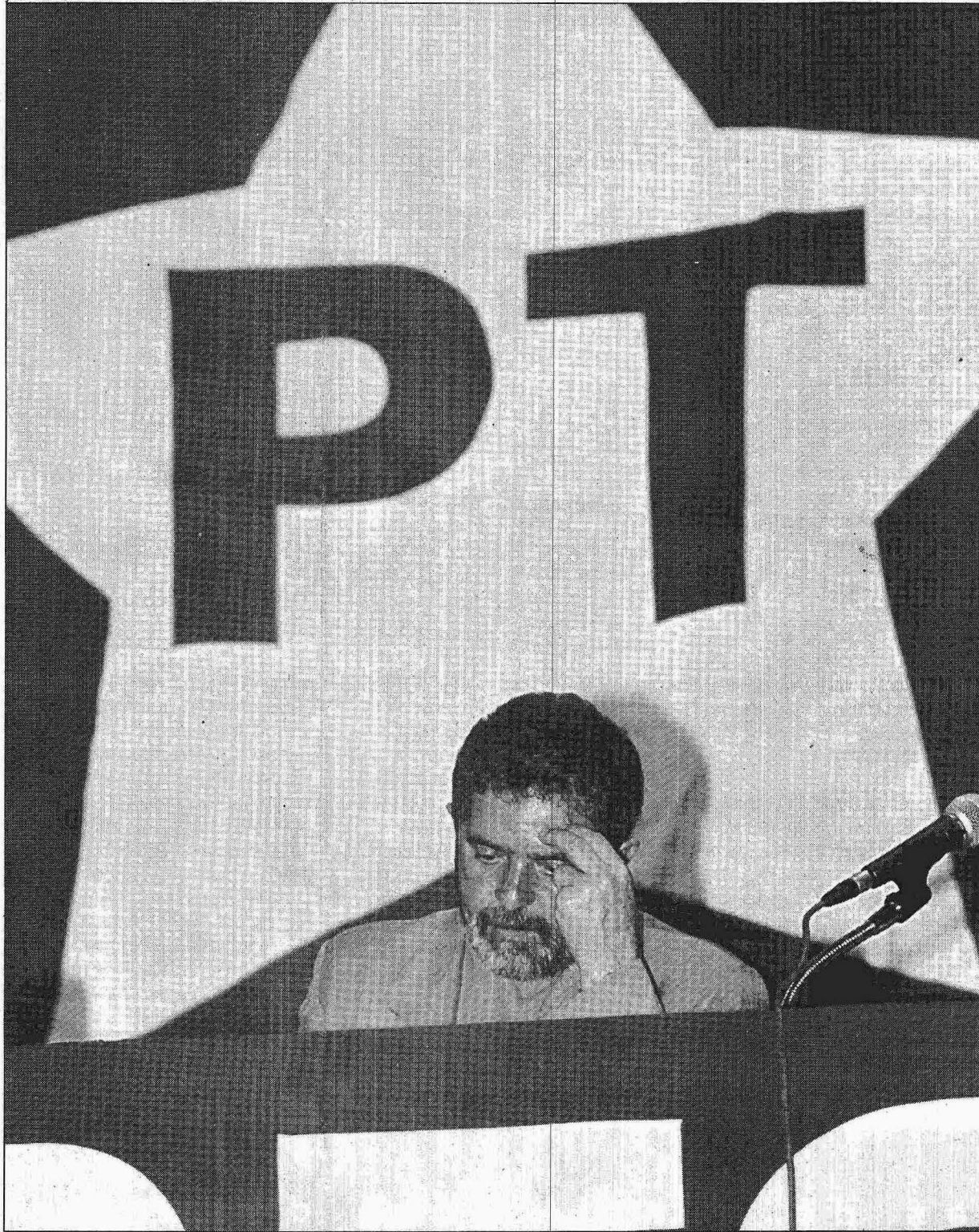
O presidente de honra do PT sabe que, se sair candidato nessas condições — com Vladimir Palmeira disputando o governo do Rio —, sua campanha estará fadada ao fracasso. Isso porque sua falta de liderança será usada por seus adversários. Mas se Lula conseguir impor sua vontade, a situação se reverte porque ele conseguirá passar para a opinião pública exatamente o contrário: que mesmo com um partido complicado e cheio de facções ele consegue ser um grande líder.

DRAMA

A decisão de Lula colocou um ponto final num drama que o PT vinha atravessando desde a campanha de 1994. Sempre assumindo uma posição de "paizão" do partido, Lula acabou durante todos esses anos evitando tomar posições, em favor da unidade do PT. Hoje, ele percebe que sua neutralidade acabou prejudicando ele próprio e que pela primeira vez nos 18 anos de história do PT terá que se posicionar.

"Lula sempre foi conciliador. Mas agora não dá mais", avaliou o deputado Chico Vigilante (PT-DF). Essa era uma posição que Lula esperava empurrar com a barriga até o final das eleições. "Mas os acontecimentos do Rio de Janeiro acabaram por obrigá-lo a fazer agora", observa Vigilante. Uma coisa é certa dentro do PT. Dos males, esse foi o menor. Pior seria se esse impasse ocorresse no meio da campanha.

José Varella 11.12.97



Lula não aceita decisão do PT do Rio de não apoiar o candidato do PDT ao governo, como foi acertado com Brizola

O apoio do PT do Rio à candidatura de Anthony Garotinho (PDT) passou a ser uma questão de honra para Lula. Numa das várias conversas que teve ontem com amigos, Lula foi claro em relação a esse episódio. "Brizola foi o primeiro que me deu a mão. E ele só me pediu o Rio. Enquanto isso o PSB já ganhou o apoio do PT em oito estados e até agora não anunciou o apoio ao meu nome. Me sinto como se tivesse falhado", lamentou Lula.

Em relação às declarações de Vladimir Palmeira de que ele havia se comprometido em apoiá-lo caso vencesse a convenção estadual, Lula foi claro. "Vladimir não contou toda a história. Eu disse a ele que su-

biria sim no seu palanque, mas como um Lula-cidadão pedindo votos e não como um Lula-candidato", esclareceu o líder petista.

A interpretação da decisão de Lula foi uma só entre os parlamentares mais próximos da sua linha de pensamento. "Ele assumiu com Brizola a sua palavra. E só quem é nordestino, como Lula, sabe a dimensão do que é isto", avalia o deputado Humberto Costa (PT-PE). "Essa é uma questão ética. É a palavra que marca a grandeza de um homem", explica o deputado Luiz Gushiken (PT-SP), amigo pessoal e coordenador da campanha de Lula.

Durante três anos, Lula afirmou que não queria ser candidato. Relu-

tou a essa idéia o quanto pôde. Em dezembro aceitou disputar a Presidência da República pela frente das esquerdas. Mesmo assim estava desanimado. Mas de um tempo para cá, havia recuperado o gosto pela campanha.

No domingo passado, havia acordado com uma bela surpresa. Uma pesquisa publicada na imprensa paulista apontava que Lula estava ganhando de Fernando Henrique com uma margem de 7% em sua principal base eleitoral: a região do ABC paulista. No mesmo dia, o PT do Rio o "apunhalava pelas costas", como disse Brizola, ao lançar o nome de Vladimir Palmeira à sucessão estadual.

DESABAFO

"Quem pagar para ver vai quebrar a cara"

"Para fazer a política dos outros, não sairei candidato. Como posso sair candidato à Presidência do Brasil, querer comandar esse país se não consigo ter liderança nem no meu próprio partido?"

"Preciso estar à vontade para dizer ao país que pode confiar em mim, porque eu lidero uma frente de partidos onde consigo impor as minhas idéias. Sem essa condição não serei candidato"

"Se os meus companheiros não confiam em mim, é melhor eu não ser candidato"

Luiz Inácio Lula da Silva